



Educação nos Terreiros de Candomblé: o aprendizado dos saberes tradicionais numa perspectiva de ludicidade

Adriana Olívia da Silva; Viviane Brás dos Santos; Pedro Paulo Souza Rios; André Ricardo Lucas Vieira.

Universidade do Estado da Bahia - UNEB. adriel.olivia@hotmail.com; vivianebras.pedagogia@gmail.com; peudesouza@yahoo.com.br; sistlin@uol.com.br

Resumo

O presente artigo é fruto de um trabalho de campo da Disciplina Educação e Saberes Tradicionais do Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação, Cultura e Território Semiárido - PPGESA, Campus Juazeiro – UNEB, realizado no Terreiro de Candomblé do Pai Jorge em Petrolina – PE. O objeto de análise proposto traz por foco os processos educativos desenvolvidos durante a preparação e a realização da Festa de Oxossi. Neste prisma assumiu-se por objetivo do estudo identificar as contribuições educativas para as novas gerações, provenientes da vivência dos saberes tradicionais. Em preparação para este trabalho fomos instigados à reflexão sobre decolonialidade, pluriversalidade, complexidade e sobre o conceito de bem viver. Ancorando-se na abordagem qualitativa com ênfase na fenomenologia, buscou-se através de observação, registro fotográfico e diário de bordo elencar os elementos que fazem parte dos processos educativos, analisando a importância de tais elementos na formação humana de crianças e adolescentes. Evidenciou-se que os saberes tradicionais presentes na preparação e realização do ritual de Oxossi, remetem para uma cosmovisão singular, oposta à visão ocidental moderna que externaliza o homem da natureza. Neste sentido, a educação de crianças e adolescentes em terreiro de candomblé tem por finalidade a prática do bem viver e a compreensão de si como parte integrante de um todo.

Palavras-chave: Processos Educativos, Saberes Tradicionais, Terreiros de Candomblé.

Abstract

This article results from a working field of the Discipline Education and Knowledge Traditional from a Postgraduate Program - Master of Education, Culture and Territory Semiárido - PPGESA, Campus Juazeiro - UNEB, held at the Candomble yard from the Father Jorge in Petrolina - PE. The proposed object of analysis brings to focus the educational processes developed during the preparation and implementation of Oxossi Party. It has been assumed for objective of the study identifying educational contributions to the new generations, from the experience of traditional knowledge. In preparation for this work we were urged to reflect on Decoloniality, pluriversality, complexity and the living well concept. Anchoring on the qualitative approach with emphasis on phenomenology, we attempted to noticed through observation, photographic records and logbook list the elements that are part of the educational process, analyzing the importance of such elements in the human development of children and teenage. It was demonstrated that traditional knowledge present in the preparation and holding of Oxossi ritual, refer to a singular worldview, as opposed



to the modern Western view that externalizes man from nature. In this sense, teenage and children education in the Candomblé yard aimed to the practice of good living and understanding of themselves as part of a whole.

Keywords: Educational Processes, Traditional Knowledge, Candomblé yard

Introdução

A temática deste artigo teve inspiração nas reflexões da disciplina Educação e Saberes Tradicionais¹, do Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, cuja ementa discute conceitos referentes a Povos e Comunidade Tradicionais; Educação e Saberes Tradicionais; Cultura, Identidade e Territórios Tradicionais; Etnoeducação; Pedagogia da Terra; Ecopedagogia e Cidadania Planetária; Educação formal e não-formal em territórios semiáridos.

O objeto de análise do presente estudo traz por foco os processos educativos desenvolvidos durante a preparação e a realização da festa de Oxossi, no Terreiro de Candomblé do Pai Jorge em Petrolina – PE, objetivando identificar as contribuições educativas para as novas gerações, provenientes da vivência dos saberes tradicionais em Terreiros de Candomblé. Partindo deste objetivo, o trabalho manifesta a sua pertinência social e acadêmica no tocante a visibilidade de elementos educativos imprescindíveis para a realização pessoal de crianças e adolescentes dentro da perspectiva do Bem Viver e do auto reconhecimento como parte integrante de um todo e como parte que integra o todo.

Em preparação para este trabalho fomos instigados à reflexão sobre decolonialidade, pluriversalidade, complexidade e sobre o conceito de bem viver, desmistificando as visões universalistas e homogeneizantes da modernidade, na busca da superação dos elementos colonizadores que silenciaram e invisibilizaram as demais singularidades.

Ancorando-se na abordagem qualitativa com ênfase na fenomenologia, buscou-se através de observação, registro fotográfico e diário de bordo elencar os elementos que fazem parte dos

¹ Disciplina ministrada pelo Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Dr Juracy Marques, docente dos mestrados: Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGECOH) e Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), e da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Petrolina (FACAPE), coordenador do Núcleo de Estudos em Comunidades e Povos Tradicionais e Ações Socioambientais (NECTAS/UNEB), atuante na Licenciatura Intercultural para Povos Indígenas da Bahia.



processos educativos, analisando a importância de tais elementos na formação humana de crianças e adolescentes.

Nesta trajetória, evidenciou-se que os saberes tradicionais presentes na preparação e realização do ritual de Oxossi, remetem para uma cosmovisão singular, oposta à visão ocidental moderna que externaliza o homem da natureza. Neste sentido, a educação de crianças e adolescentes em terreiro de candomblé tem por finalidade a prática do bem viver e a compreensão de si como parte integrante de um todo e como parte que integra o todo.

Saberes Tradicionais e educação em terreiros de candomblé: Filhos e netos de santo na conexão com o sagrado

Marques (2009) define comunidade tradicional elencando, a priori, as concepções do estado presentes na legislação, e aponta para o problema do processo colonizador de classificação, os quais se fazem presentes nas letras da lei:

Mesmo rompendo a lógica do entrecruzamento entre populações para definir espécie, ou considerando a história evolutiva dos seres, sua dimensão filogenética, a classificação humana, jamais, poderá situar os indivíduos dentro de grupos homogêneos com características comuns para localizá-lo como espécie (MARQUES, p. 46).

Em contrassenso com o que é posto pela ordem classificatória, o autor tece significados juntamente com outros autores como Wagner (2006), Diegues (1983; 2000) Lévi-Strauss (1989), Santilli (2005) que sinalizam sua concepção sobre Povos e Comunidades Tradicionais afirmando que o “tradicional” não está ligado, necessariamente a uma ideia de origem, mas aos processos político-organizativos, aos modos de se relacionar com o território e a natureza, numa lógica de inadequação ao modelo hegemônico de desenvolvimento, pois para estes povos tradicionais, trabalho e natureza não são vistos como mercadorias.

São povos que se percebem como parte integrante da natureza, vista como sagrada, juntamente com os outros seres e entidades, neste sentido a “educação experimentada pelas crianças nos terreiros de candomblé e umbanda é uma educação ecológica”. (MARQUES, 2015, p. 5), uma vez que os saberes tecidos juntamente com as entidades presentes no universo, são passados de



geração em geração por meio da pedagogia do ritual sagrado, onde crianças e adolescentes aprendem de forma lúdica e celebrativa, os saberes salvaguardados, através da vivência da ‘importação’ da vontade dos orixás e entidades sagradas, neste prisma:

Para essa perspectiva, são equivocadas todas as interpretações que dissociou a humanidade dos sistemas ecológicos. Talvez, estejamos convencidos de que, na casca de noz do universo, sejamos plenamente um sistema único, que estejamos, de fato, ligados às bromélias, orquídeas e crisálidas, nos seus mais íntimos segredos, integrados numa única alma, composta pelas “partículas de Deus”. (MARQUES, p. 41)

Neste sentido, os processos educativos em terreiro de candomblé, ocorrem de maneira transdisciplinar, contextualizada e viva, como corrobora Marques (2015), “aprende-se olhando, escutando, comendo, vestindo, fazendo, imitando, vivendo o candomblé ou umbanda com o corpo e a alma”. Caputo (2007, p. 96) contribui com esta discussão afirmando que “crianças de terreiros crescem entre orixás, entre ‘as coisas do santo’ e se preparam para receber cargos na hierarquia do culto e para, se for o caso, incorporar os orixás”. Assim sendo, os saberes tradicionais e os simbolismos não são transmitidos apenas, são compartilhados e vivenciados pelos sujeitos em conexão com as entidades sagradas. Tais saberes tradicionais são responsáveis por uma convivência harmoniosa e respeitosa com o outro e com o meio ambiente.

Desenvolvimento

Pai Jorge estava se preparando noutro ambiente, quando a equipe do PPGESA chegou em seu terreiro. Algumas jovens preparavam no centro do terreiro uma espécie de altar com oferendas como frutas, legumes, cereais, folhas de plantas medicinais e adornos com palha de milho, chifre de um bode e muita criatividade. Logo somaram-se a elas alguns rapazes com trajes da festa para a conclusão dos preparativos para a celebração. Numa espécie de palco tambores aguardavam os Ogans. Do lado de dentro da casa, senhoras preparavam a comida e outras chegavam com seus lindos vestidos e adornos no pescoço, braços, orelhas e mãos. Pai Jorge se aproxima e se coloca a disposição para eventuais questionamentos permitindo o registro fotográfico e após uma sessão de perguntas e respostas se retira para dar início ao ritual.



A dona da festa é apresentada a todos. E a roda tem início. Há uma cumplicidade e uma conexão admirável entre os participantes da roda revelada no olhar respeitoso entre os convivas das diferentes faixas-etárias, um aspecto pouco observável nas culturas ocidentalizadas, onde o respeito dos mais jovens pelos mais velhos é quase uma raridade. Outro aspecto revelador da conexão é o toque nos elementos da natureza como se estivessem pedindo permissão ou dirigindo um louvor às forças sagradas.

Depois de transcorridas três horas de roda houve um intervalo, com distribuição de lanche entre todos os presentes. Por conseguinte, deu-se início à segunda parte do ritual, na qual a dona da festa, agora com o traje especial representando a entidade homenageada, recebeu Oxossi, que se manifestou com toda força da natureza.

Havia um menino de cinco anos vestido de branco junto com os ogans. Alguns adolescentes celebravam a iniciação na religião. Um número significativo de crianças e adolescentes acompanhavam fora da roda. Todo o ambiente e ritual remetia alegria, paz, festa, brincadeira. Não se observava presença de semblantes entediados, por esta razão a educação em terreiro de candomblé tem sentidos diferenciados da educação formal, a contextualização é uma marca forte desses processos educativos, conforme Marques (2015, p. 07):

“os processos de aprendizagens nos terreiros para as crianças são espontâneos, salvo em caso de indicação e escolhas dos orixás e outros forças sagradas. As crianças fazem do terreiro um espaço de alegria, de festa, de brincadeira. Elas são respeitadas na sua condição de criança, mesmo em tempos de obrigação”.

Destarte, os processos educativos acontecem em forma de celebração e festejo. As novas gerações se apropriam dos saberes tradicionais enquanto vivenciam os aspectos sagrados e comemoram com alegria a entidade homenageada.

A experiência de uma educação para o Bem Viver

Somos frutos de uma concepção ocidental que externaliza a natureza (BIGUELINI, 2012), que submete o mundo a serviço do ser humano, que nega a subjetividade e segrega, separa e fragmenta a realidade. Somos constituídos pelos ditames de uma narrativa que visa ocidentalizar o mundo e estabelecer como a humanidade deve ser. Como bem define Marques (2009) Gaia foi



transformada na mais preciosa mercadoria do sistema capitalista globalizado. Sistema que tem produzido a exclusão social, a miséria, a violência, a degradação da natureza, o desligamento do ser humano para com o divino e, por conseguinte consigo mesmo, o que tem provocado um alastramento de infelicidades, depressões e outras dores da alma.

A sonhada terra sem males, a Pacha Mama (Mãe Terra), precisa ser contemplada pelo olhar ecocêntrico, cosmocêntrico, imbuído de espiritualidade e sensibilidade. A cosmovisão que viabiliza o equilíbrio entre todos os seres, a harmonia do indivíduo que expressa-se como complementariedade com os outros elementos da comunidade, interligados por uma força maior ou o Eu Maior. Conforme Marques (2012 p.45) “Ou sentimos profundamente esses sentidos como parte da ecologia planetária, ou passaremos, sem querer saber, sobre a ética desse sentido”.

Neste prisma, Nobre (2014), discorre sua reflexão sobre o *bem viver*, como um paradigma que nasce da periferia social da periferia mundial, o qual manifesta-se contrário ao paradigma de desenvolvimento ocidental refutando o modelo capitalista. Por isso, o bem viver preconiza uma reorganização da sociedade, da economia, das instituições e da política, pois, presume a dissolução da dualidade com a natureza e reinterpreta a terra como uma multiplicidade de interações vitais.

Neste sentido, não pode haver bem viver de uns se não houver bem viver de todos, pois nesta cosmovisão não estão presentes conceitos de riqueza ou pobreza, baseados na acumulação ou carência de materialidades. *Bem viver*, propõe o pluriversal em detrimento do universal. É o fomentador de sonhos e esperanças que fortalecem a utopia coletiva da tão sonhada Sumak Kawsay, Terra sem Males, a Pachamama (Nobre, 2014 p. 182). Para tanto faz necessária uma ecologia dos saberes que prime pela integralidade do ser e do mundo com o Eu Maior.

Todavia, o que se tem percebido na educação formal é a fragmentação, a recionalização e a massificação de pessoas para se adequarem aos ditames do sistema econômico. Com este intento silenciam as singularidades, invisibilizam a diversidade e impõem modelos tidos como melhores para que todos se enquadrem no rol da civilidade. Caputo (2012, p. 33), comentando sobre os processos educativos em terreiros de candomblé em comparação com a educação formal afirma:

Nas comunidades de terreiros existem inúmeras crianças e adolescentes. Elas ou são da família do pai ou mãe de santo ou estão ligadas aos filhos e filhas de santo dos terreiros. Assim como os adultos, as crianças são iniciadas no candomblé,



desempenham funções específicas, recebem cargos na hierarquia dos terreiros e manifestam orgulho de sua religião. Na escola, porém, essas crianças e adolescentes são invisibilizadas, silenciadas, discriminadas.

Enquanto que no terreiro a criança e o adolescentes têm plena consciência do seu papel e da importância dos saberes a serem aprendidos, na escola formal sentem vergonha do que são. Viana (1999) discorre sobre este sentido ao trazer a fala de um índio que representa a palavra “desenvolvimento” como o sentido de “sem envolvimento” com o que é do próprio povo, da própria história, da própria vida.

Procedimentos metodológicos

Na perspectiva de compreender os fenômenos complexos da subjetividade humana, este estudo esteve ancorado na abordagem qualitativa, com enfoque fenomenológico na perspectiva de respeito à realidade composta por complexas relações. De acordo com Maturana (2012), os cientistas modernos, se focam no extraordinário, que é a ciência, e neste fascínio tendem a separá-la da vida cotidiana. Todavia, a validade da ciência está em sua conexão com a vida cotidiana. Se não há aceitação mútua, se não há aceitação do outro, e se não há espaço de abertura para que o outro exista junto de si, não há fenômeno social, pois não há fenômeno social sem o amor. E amor é a emoção que funda o social. Para o autor:

“a tecnologia não é a solução para os problemas humanos, porque os problemas humanos pertencem ao domínio emocional, nossa vida é guiada por nossas emoções, porque nossas emoções definem o domínio relacional no qual agimos e, portanto, o que fazemos”.

Pedro Demo, também aborda sobre este histórico de rupturas e propõe as metodologias alternativas possibilitadoras de compreender o fenômeno do ser humano em detrimento dos caminhos surrados percorridos pela metodologia científica que impõem o método sobre a realidade.

Assim, decidiu-se optar por instrumentos metodológicos da etnometodologia como observação livre, registro fotográfico e diário de bordo, para analisar as simbologias compartilhadas, os saberes tradicionais preservados e os processos educativos desenvolvidos no terreiro de candomblé.



Para esta experiência foi escolhido como *locus* o Terreiro de Candomblé de Pai Jorge, município de Petrolina – PE, tendo por sujeitos da pesquisa as crianças e adolescentes participantes do Candomblé. Com o olhar direcionado a este público, buscou-se resposta para o seguinte questionamento:

Como acontecem os processos educativos de apropriação dos saberes tradicionais do candomblé?

Resultados e Discussões

Na busca de elementos chaves, a partir da análise dos dados e das reflexões tecidas em coletividade, emana a certeza de que para tecer uma pesquisa como esta exige do pesquisador uma mente decolonializada. Reconhecer a importância do pluriversal é reconhecer a diversidade como aspecto imprescindível para o equilíbrio ecológico no grande ecossistema Gaia.

Assim sendo, não é possível adentrar a singularidade de um terreiro de candomblé, mantendo-se no pódio da supremacia cultural. É preciso fazer-se igual para compreender a singularidade do diferente.

Com este olhar desprovido de superioridade, foi possível perceber que os saberes tradicionais presentes na preparação e realização do ritual de Oxossi, remetem para uma cosmovisão singular, oposta à visão ocidental moderna que externaliza o homem da natureza. A comunidade prepara-se para receber a divindade e o sagrado celebra junto com povo manifestando-se materialmente, salvaguardando os saberes essenciais para um bem viver no planeta.

Considerações finais

Na perspectiva de uma possível conclusão deste estudo, fica a evidencia de que, a educação de crianças e adolescentes em terreiro de candomblé tem por finalidade a prática do bem viver e a compreensão de si como parte integrante de um todo e como parte que integra o todo, uma vez que



todos estão em conexão e no momento da manifestação o ser humano pode receber o todo, a natureza, as forças vitais e divinas.

Com base nesta reflexão, pode-se afirmar que a educação em terreiro de candomblé é de fato contextualizada, significativa, emancipadora e tem contribuído com a formação de crianças e adolescentes dentro de um paradigma oposto ao paradigma moderno, pois prima pela interligação de todos e de tudo, sem dualidades, sem fragmentações, numa perspectiva de envolvimento e pertencimento.

Referências

BIGUELINI, Cristina Poll; BUSSOLARO, Bernadete; SILVA, Ivanir Ortega Rodrigues da . **Revisão do processo de desenvolvimento histórico- filosófico dos conceitos de natureza com vistas ao meio ambiente** .Geoiingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 4, n. 1 , p. 73-88, 2012 . ISSN 2175-862X (on-line).

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização Ecológica: A Educação das Crianças para um Mundo Sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2008.

_____. **As Conexões Ocultas: Ciências para uma Vida Sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2003.

CAPUTO, Stella Guedes. **Cultura e Conhecimento em Terreiros De Candomblé – lendo e conversando com Mãe Beata de Yemonjá**. Rio de Janeiro, Currículo sem Fronteiras, v.7, n.2, Jul/Dez 2007.

EU MAIOR. Direção: Direção: Fernando Schultz e Paulo Schultz; Produção: Fernando Schultz, Paulo Schultz, André Melman e Marco Schultz, 2013, 90 minutos. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=V0gquwUQ-b0>>. Acesso em 01 de setembro de 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 1989.



MARQUES, Juracy. **Ecologia da Alma. Petrolina.** Gráfica Sanfranciscana, 2012.

_____. **Povos, Comunidades Tradicionais e Meio Ambiente.** Revista Ouricuri, Universidade do Estado da Bahia. Paulo Afonso: Fonte Viva, p. 63 – 85, 2009

_____. **Ecologia de Homens e Mulheres do Semi-Árido.** Paulo Afonso: Gráfica Fonte Viva, 2005.

_____. **Pele de Orixá. In: II Seminário Internacional de Ecologia Humana: A pesquisa em Ecologia Humana,** 2014 anais, Paulo Afonso: UNEB 2014.

MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana.** organização e tradução Cristina Magro, Victor ParedesBelo Horizonte: UFMG, 2001

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro.** 4. ed. (Trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya) São Paulo/Brasília: Cortez/ Unesco, 2001. 118p.

_____. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI;** trad. Flávia Nascimento. -6. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Econômico.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

TOURAINÉ, Alain. **Igualdade e Diversidade: O Sujeito Democrático.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2006

VIANA, Virgílio M. **Envolvimento Sustentável e Conservação das Florestas Brasileiras.** Ambiente & Sociedade, Ano II, nº 5, 2º semestre, 1999.